

**AS GUERRAS DO SÉCULO XX E OS CONFLITOS DO SÉCULO XXI:
Uma breve análise de estratégia comparada das crises da Segurança
Internacional entre 1893 e 1914 e as atuais condições entre 2001 e 2024.**

Francisco Carlos Teixeira Da Silva¹

RESUMO: O estudo e as reflexões objetivaram uma análise comparativa das crises de segurança internacional no período de 1893 e 1914 e as condições atuais entre 2001 e 2024. Os resultados apontam para quatro pontos fundamentais que diferenciam os conflitos do século XX, tais como o alto poder destrutivo das guerras, a variedade de tipos de conflito, a imbricação entre guerra e revolução social e a rivalidade entre potências. Em relação aos aspectos com impactos na segurança internacional destacam-se a continuidade dos conflitos, a evolução das estratégias militares, a preponderância das tecnologias e a mobilização de populações civis.

Palavras-chave: Segurança Internacional, Guerra, Conflito, Estratégia.

ABSTRACT: The study and reflections aimed at a comparative analysis of international security crises in the period 1893 and 1914 and the current conditions between 2001 and 2024. The results point to four fundamental points that differentiate the conflicts of the twentieth century, such as the high destructive power of wars, the variety of types of conflict, the imbrication between war and social revolution, and the rivalry between powers. Regarding aspects with impacts on international security we can highlight the continuity of conflicts, the evolution of military strategies, the preponderance of technologies and the mobilization of civilian populations.

Keywords: International Security, War, Conflict, Strategy.

¹ Professor Titular de História Moderna e Contemporânea na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor Titular de Teoria Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor Emérito da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército do Brasil. O presente artigo tem como origem uma palestra realizada no Instituto Superior Politécnico Tocoísta de Angola, Universidade Agostinho Neto, em Luanda em 2024.

INTRODUÇÃO

Ao buscarmos a especificidade das guerras e conflitos do século XX, um traço marcante que diferencie tais conflitos daqueles travados nos séculos anteriores, poderíamos destacar quatro pontos fundamentais:

1. o alto poder destrutivo das guerras do século XX em decorrência da junção de novas estratégias e meios técnicos avançados disponibilizados pela industrialização pesada das grandes sociedades no Ocidente e, mais tarde, generalizada em todo o planeta;

2. a vasta variedade de tipos de conflito, com a multiplicação de formas de se travar combates, quase sempre em decorrência de novos meios técnicos mas, também, em decorrência de novas estratégias e novos mecanismos de gestão e organização militar;

3. a imbricação entre guerra e revolução social de forma mais estreita do que em qualquer outro período da história, fazendo com que um número elevado de conflitos tenham se iniciado, ou redundado, em revoluções;

4. as guerras do século XX, as principais ao menos, podem facilmente ser organizadas em torno de um só eixo de rivalidades entre potências navais - Inglaterra, Japão, Estados Unidos - e potências continentais - Alemanha, Rússia/URSS, China, tanto entre si, quanto em forma de arranjos de geometria mais ou menos variável, mas fácil de identificar em grandes blocos, como proposto por Nicolas Spykman na diáde “sea power” e “continental power”².

DESENVOLVIMENTO

A Primeira Guerra Mundial, 1914-1918, chamada então de a “Grande Guerra”, emerge desde logo como o paradigma da “guerra moderna”, com a hegemonia da produção industrial de massa, o uso da mais moderna tecnologia - tanques ou blindados, metralhadas, aviões e dirigíveis, submarinos, o uso extensivo das linhas férreas e a mecanização da produção de fardamentos, alimentos e até, mesmo, do arame enfiado, fundamental numa guerra de trincheiras.

² Blagden, David; Levy, Jack e Thompson, William. Sea Powers, Continental Powers, and Balancing Theory. In: International Security, Volume 36/2, pp. 190-202, The MIT Press, 2011.

Mesmo as guerras “isoladas” – embora não menos cruéis e letais - em relação a este conflito maior em torno da hegemonia mundial, tais como os conflitos no Oriente Médio, Ásia Central e Sudoeste Asiático, e mais tarde na África, poderiam ser alinhadas em forma de conflito subordinados ao grande conflito maior entre as potências marítimas (nas chamadas “fímbrias do mundo”) e as potências continentais (no coração do mundo)³, conforme as expressões Nicholas Spykman (1893-1942), talvez o geopolítico mais influente do século XX. Tal formulação, feita e repetida entre 1904 e 1942, ou seja na primeira metade do século XX, mal esconde as disputas inter-imperialistas e suas formas de readequação da partilha do mundo. Assim, conflitos que pareceriam menores – e insistimos, não menos violentos – como a Guerra de Suez em 1956 – envolvendo o Mundo Árabe, sob a liderança de Gamal Abdel Nasser, junto com a União Soviética e a Tchecoslováquia, e de outro lado, a aliança entre Grã-Bretanha, França e Israel na luta pela posse do Canal de Suez, expressariam as aspirações neocolônias do Ocidente na busca de manter seus interesses (posse do Canal de Suez, controle da Rota da Índia e do petróleo do Oriente Médio). Da mesma forma, a luta anticolonial na Guiné, Angola, Moçambique, entre 1961 e 1974, envolve os interesses “atlantistas” da NATO. A guerra anticolonial na África é, ainda, um elemento de comprovação da estrita relação entre guerra moderna e revolução, com a mobilização massiva da população civil.

Assim, os conflitos do século estariam marcados pelos conceitos de intensidade, variedade e unidade – todos marcados pela junção dos avanços técnicos da Revolução Industrial, da física atômica e da Cibernética com a guerra. Tal junção permitirá que os conflitos do século XX se tornassem, de fato, guerras mundiais.

Da mesma forma podemos afirmar que o século XX não foi mais, ou menos, violento em matéria de guerras e revoluções do que os séculos anteriores (e, mesmo, o século em curso, visto os sinais até agora emitidos como na atual Guerra na Ucrânia e em Gaza). O século XX guarda sua originalidade, em termos de guerras e revoluções, no seu potencial, extensão e intensidade: nunca as guerras foram tão destrutivas e generalizadas, nunca populações civis foram tão extensamente massacradas e nações inteiras declaradas inimigas e votadas ao genocídio (como hereros, armênios, judeus, tutsis por exemplo). Mesmo aí a originalidade do incrível poder destrutivo das guerras no século XX não se explica por uma maior vigência da violência ou do ódio nas relações humanas, e sim no explosivo encontro entre guerra e o imenso potencial econômico e tecnológico

³ Ver **SPYKMAN**, Nicholas. *Estados Unidos frente el mundo*. Mexico, Fondo de Cultura, 1944.

oriundo dos avanços tecnológicos do século XX. Assim, os modernos fuzis e as metralhadoras desempenharam um papel chave na aniquilação de hereros (no Sudoeste Alemão, atual Namíbia) e armênios, bem como os trens tiveram um papel fundamental para viabilizar o Holocausto. Nos séculos anteriores as guerras foram limitadas pela dimensão dos cofres reais, pela limitação dos meios técnicos, em especial dos transportes, e pela capacidade logística dos exércitos. Assim, o tamanho de exército, a equipagem de uma armada ou a dimensão de uma fortaleza dependiam diretamente da saúde financeira do reino ou da dinastia e, no mais, dos estudos técnicos conseguidos com tais meios financeiros. A criação de uma frota, sua formação e equipagem, no Portugal ao final do Medievo, dependeu, por exemplo, diretamente dos investimentos iniciais do Infante Henrique (1394-1460), da disponibilização das rendas da Ordem de Cristo e na conversão do Castelo de Sagres em corte renascentista de sábios – precisavam ser financiados. Da mesma forma, a transformação da França em potência continental, no século XVII dependeu largamente das reformas de Vauban (1633-1707) na engenharia militar e de Colbert (1619-1683), na engenharia financeira. A duração e o imenso potencial destrutivo da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) só foi possível graças, de um lado, ao aperfeiçoamento da artilharia – que tornou as fortalezas e suas muralhas largamente inúteis – e uma melhor administração financeira, que permitiu os Estados mais modernos e bem administrados – tais como França e Suécia – manterem-se bem mais tempo mobilizados e capazes de infringir danos constantes aos seus adversários.

Ao seu tempo, no século XVII, a Guerra dos Trinta Anos foi o mais devastador conflito bélico já travado na história, com amplos exércitos em movimento, cercos de cidades inteiras, a destruição de vilas, aldeias e campos, com o despovoamento de amplas regiões da Alemanha, Polônia e Tchecoslováquia. Muitos historiadores chegam a afirmar que a Alemanha teria perdido a primazia econômica mundial exatamente aí, em face das tremendas destruições impostas ao seu território. Da mesma forma, as Guerras Napoleônicas, entre 1800 e 1814, mobilizaram milhares de homens, com combates estendendo-se por toda a Europa, daí para os confins da selva amazônica, na Guiana, no Rio da Prata, nos desertos do Egito e da Palestina até os confins dos Mares do Sul pela posse de entrepostos comerciais nas Índias.

Ao mesmo tempo a incrível expansão das guerras, e sua intensidade nos séculos XVIII e XIX, permite a retomada da sua análise teórica (onde já figuravam nomes como Homero, Tucídides, Maquiavel, Hobbes), com o surgimento dos mais importantes teóricos do pensamento estratégico, como Jomini (1779-1869), Suvarov (1729-1800) e Clausewitz (1780-1831). Alguns dos seus ensinamentos – além de um fantástico arsenal de conceitos ainda não superados – mantiveram-

se atuais até os nossos dias, alimentando formas de combate praticadas ao longo de todo o século XX. As suas análises sobre a mobilidade e as operações rápidas de deslocamento militar, envolvimento, retirada, debordagem de tropas e de pontos fortificados foram praticadas em nível de excelência desde a Guerra Áustro-Prussiana (1866) ou a Guerra Franco-Prussiana (1870/71) até a II Guerra do Iraque, em 2003. A necessidade de estudar, e entender, a guerra como fenômeno social – para além de anátema divino – implicou, ainda, pela primeira vez em buscar outras análises para além do paradigma europeu, que havia se tornado um postulado eurocêntrico, de tipo colonial. Assim, a luta anticolonial de tipo de “libertação nacional”, da segunda metade do século XX, impôs o estudo de autores com Zun Tsu (544 a.C.-494 a. C.), e em seguida, Ho Chi Minh (1890-1969) e Mao Tsetung (1893-1976), passaram a integrar os manuais – ao menos daqueles menos etnocêntricos coloniais. A forma específica de luta do mais fraco contra o mais forte, ao final do século XX, traria para o campo teórico das guerras, os estudos de Régis Debray (nascido em 1940), de Carlos Marighella (1911-1969) e Michael Collins (1890-1922) como teóricos da guerra de guerrilhas, seja rural, seja urbana. Abria-se, assim, com a noção de “guerra do mais fraco contra o mais forte”, o caminho para a obra de forte impacto estratégico dos coronéis chineses Qiao Liang e Wang Xiangsui sobre as formas assimétricas da guerra, assim como da guerra por meios não-bélicos. Esta última obra, publicada exatamente no fim do século, em 1999, abriria um seminal debate sobre a guerra, agora dita “pós-moderna”⁴. Em tal situação, com a formulação de novas estratégias para o século XXI, cabe arguir criticamente os modelos geopolíticos produzidos entre 1904 e 1942, por teóricos como Halford Mackinder (1861-1947) e Nicolas Spyman (1893-1943), não só por estarem voltados para um mundo que já não existe, dominado pelos interesses das grandes potências coloniais, como também pelo notório caráter racista e neocolonial de seus formuladores. Entendemos o balanço comparativo das condições geoestratégicas entre 1893 e 1943 – o mundo da geopolítica colonial – e as condições existentes a partir de 2001 como ponto de partida para a reformulação geopolítica das relações internacionais com a incorporação de novos atores globais – como Índia, China, Brasil e, claro, os chamados países do “Next Eleven Group” – bem como de novas associações internacionais de caráter anti-hegemônicas tais como os BRICS+ e a emergência do chamado “Sul Global”.

Todos estes avanços, decorrentes fundamentalmente da junção da Revolução Industrial com o fazer a guerra, levaram os conflitos do final do século XIX e do século XX ao patamar de “guerras modernas”. Contudo faltavam alguns meios técnicos e suportes econômicos capazes de dar a dimensão definitivamente

⁴ Xiangsui Wang e Qiao Liang. *La Guerre hors limites*. Payot & Rivages, (1999) 2006.

“moderna” às guerras do século XIX. Dois conflitos fundamentais darão conta da imensamente importante, e bastante terrível, junção entre guerra e grande indústria, o fato decisivo da história das guerras no século XIX, continuado e ampliado infinitamente no século XX, chave para entender o conceito de *Revolução em Assuntos Militares*, vigente ao final do século XX.

De um lado, a Guerra de Secessão dos Estados Unidos, entre 1861 e 1864, e de outro, a Guerra Franco-Prussiana, de 1870/71, desempenharam o papel-chave de reunir pensamento estratégico renovado e o potencial industrial liberado pela grande indústria desde a Revolução Industrial, abrindo o caminho para a guerra total do século XX, onde o conjunto dos recursos da sociedade são disponibilizados para o esforço de guerra, anulando as diferenças entre civis e militares, entre frente de combate e retaguarda. O imenso potencial de destruição liberado pela junção das modernas técnicas de guerra e de organização de tropas, como já utilizadas nas Guerras Napoleônicas e sistematizadas por Clausewitz, com o potencial técnico e econômico da Revolução Industrial, e a disponibilização de novos recursos técnicos impensados anteriormente, tornar-se-ia o cerne de uma ampla *Revolução nos Assuntos Militares*, que faria sua aparição nos primeiros conflitos massivos do século XX, como a Guerra dos Boers, entre 1899 e 1902 e a Guerra Nipo-Russa, de 1905⁵. Na verdade, todo o período entre 1893 e 1914, começando com aliança militar entre a França e Rússia – base do bloco “Tríplice Entente” com a Grã-Bretanha - e confluindo para a Grande Guerra, foi marcado pelos ensaios que conduziram ao grande conflito mundial. Estudando esta fase “preparatória” da guerra nos deparamos com uma similitude absurda com os fatos e eventos militares ocorridos depois de 2008 e nossa situação em Segurança Internacional hoje. A adoção de meios de controle, sequestro e internamento, de populações civis, inclusive as infames medidas conhecidas como “limpeza étnica” e a construção de campos de concentração para população civil, seriam praticadas pioneiramente pela Grã-Bretanha na Guerra dos Boers e pela Alemanha na Namíbia, levando ao quase extermínio de amplas populações nativas.

Assim, a extensão e a intensidade das guerras no século XX são diretamente um produto do desenvolvimento da chamada “arte da guerra” do século XIX – tal como Clausewitz ensinara -, e, em especial, da junção entre guerra e Revolução Industrial, inicialmente, e em seguida das revoluções tecnológicas do século XX, sendo muitas vezes a própria guerra – ou sua ameaça – um motor suficiente para a expansão dos meios tecnológicos disponíveis, como no caso da corrida espacial

⁵ Ver os seguintes artigos: **BOND**, Brian. *Une Révolution dans l'armement*, pp. 10-18; **WEEKS**, John. *De nouveaux progrès techniques*, pp. 76-86 e **BIDWELL**, Shelford. *Le bilan technique de la guerre*, p. 132-136, todos In: **BONDS**, Roy (Org.). *Histoire de la guerre terrestre*. Bruxelas, Henri Proost Ed., 1983.

depois do início dos anos '60, originando o que Dwight D. Eisenhower (1890-1969) denominou de *Complexo Industrial-Militar*⁶.

Ao mesmo tempo, as formas alternativas da arte da guerra, que chegaram ao seu apogeu nas guerras da Argélia, no fim dos anos de 1950, ou do Vietnã, entre 1965/75, com as operações de retaguarda e no interior das linhas inimigas, a guerra de guerrilhas, a sabotagem e a guerra de propaganda de base nacionalista e/ou subversiva, surgiram pela primeira vez em escala nacional – como no caso do enfrentamento *guerrillero* espanhol contra as tropas francesas de Napoleão – também no século XIX de, em seguida, internacional. Coube ao século XX aperfeiçoar seus ensinamentos, trazer a nova tecnologia disponível para o interior de tais conflitos, denominados pornograficamente de “conflitos de baixa intensidade”, desenhando assim o perfil dos principais conflitos do século passado. As novas formas de guerra do século XX produziram também seus “teóricos”, como no caso da grande guerra de movimento mecanizada, a *Blitzkrieg* de Guderian (1888-1953) ou como no caso dos discípulos “revolucionários” de Clausewitz – enquanto pensadores políticos da guerra: Michael Collins, o pensador da insurreição urbana irlandesa, modelo de todas as insurreições e combates urbanos; T. E. Lawrence (1888-1935), o pensador da guerra de movimento no deserto; Mao Tsedong (1893-1976) e Vo Nguyen Giap (1910-2013) – o verdadeiro teórico estategista por trás de Ho Chi Mihn -, os pensadores do cerco das cidades pelos camponeses pobres e explorados do Terceiro Mundo – teoria que viria desempenhar um forte papel nas lutas anticoloniais na África. Em todos estes pensadores, por grandes que sejam as distinções, a marcante presença dos conceitos clausewitzianos unificava as suas estratégias, em especial a convicção de que a política define os objetivos da guerra. Isso sem falar nos grandes pensadores da Guerra Nuclear, do “Equilíbrio do Terror” – e produção do conceito “MAD”, mútua destruição assegurada e, consequentemente, das diversas políticas de dissuasão nuclear hoje em vigor -, o verdadeiramente original pensamento estratégico do século XX.

Assim, também em termos bélicos, o século XIX projetou-se sobre o século XX, trazendo seus ensinamentos e mostrando-se uma fonte inesgotável de exemplos. Contudo, por mais espetaculares que fossem os avanços técnicos-militares do século XIX e da organização militar até a Guerra dos Boers (1899-1902), a Guerra Nipo-Russo (1904-1905) e a Guerra Ítalo-Turca (1911-1912), com a introdução da aviação militar, só em 1914 o verdadeiro perfil da guerra moderna faria sua aparição completa⁷.

⁶ No ano 2001 os dez maiores produtores de armas do mundo eram: Lockheed Martin, Boeing, Raytheon, BAE, General Dynamics, Northrop, EADS, Thales, United Techno e TRW.

⁷ Ver **TOWNSHEND**, Charles. *Modern War*. Oxford, University Press, 1997.

Para muitos a Grande Guerra foi o marco decisivo da guerra moderna, a mãe de todas as batalhas, que marcaria o século XX e, já agora podemos infelizmente dizer, também o século XXI. Claro, a Guerra de Secessão Americana – 1861-1864 – foi, sem dúvida, a primeira guerra de massas da história, onde a mobilização total dos recursos de uma sociedade foram colocados à disposição da máquina de guerra, visando atingir os fins estratégicos que garantiriam a vitória. Contudo, mesmo frente ao morticínio e a imensa dor, a Guerra de Secessão foi circunscrita a um país, embora fosse meio-continente, um só povo. Neste sentido o, então, impressionante desenvolvimento industrial americano não poderia ser comparado ao poder industrial de nações como o Império Alemão ou Britânico, a República Francesa, e mesmo os próprios Estados Unidos e o Império do Sol Nascente, na Ásia às vésperas da Grande Guerra, em 1914, e, conseqüentemente, ao tremendo impacto decorrente do choque de tais potenciais entre 1914 e 1918. Assim, a Grande Guerra garante para si a glória duvidosa de abrir um novo capítulo na história da humanidade: a moderna guerra total.

Da mesma forma, seria o ponto de partida da portentosa guerra do século XX: a longa guerra que se estenderia de 1914 até 1991, com pausas e retomadas de hostilidades – como foram as Guerras dos Cem Anos e a Guerra dos Trinta Anos.

Em 1914, para além dos recursos materiais e humanos investidos, procurava-se ainda reverter os principais ensinamentos – a própria doutrina militar - das últimas grandes guerras europeias: as guerras napoleônicas. Convencidos do mérito das políticas defensivas, otimizadas pela moderna engenharia de casamatas, trincheiras e bastiões em concreto armado, ao lado da excelência das novas armas de tiro, em especial as metralhadoras, todos os principais países envolvidos desenvolveram técnicas defensivas anti-clausewitzianas. Entrincheirar-se por entre casamatas, com campos minados e redes de arame enfarpados pareceu, para os generais de 1914, uma fórmula ideal para evitar os desastres da Guerra Franco-Prussiana de 1870-71, quando exércitos alemães em rápidos movimentos envolveram e paralisaram as defesas francesas, abrindo caminho para Paris⁸.

Assim, desde de os seus primeiros dias, a Grande Guerra tornou-se uma guerra de posições, travada em trincheiras, com grandes desgastes não imaginados – inclusive pelo uso pela primeira vez de armas de destruição massiva, os gases venenosos -, enterrando exércitos inteiros no lamaçal, sob o frio, a fome, as doenças e a desesperança. As metralhadoras e os gases venenosos,

⁸ **MURRAY, W. e MILLET, A.** *Military Innovation in the Interwar Period.* Cambridge, University Press, 1996.

inaugurando uso das armas químicas, devastavam milhares de homens de uma só vez. São os fatos que alimentam páginas heróicas da literatura pacifista de todos os tempos, tais como em Dalton Trumbo (*Uma Arma Para Johnny*); Ernst Hemingway (*Adeus às Armas*); Erich Maria Remarque (*Nada de Novo no Front*) ou Bruno Vogel (*Alf*), fazendo com que a guerra gere, como seu contrásrio, num grupo importante de homens a valorização da paz⁹. Mas, a Grande Guerra que geraria também os seus amantes, defensores da violência como a única forma de regeneração de toda a sociedade, tais como Ernst Jünger, Adolf Hitler, Julius Evola ou Benito Mussolini. Foi em verdade uma guerra dura, suja, cruel e a vitória que dela emergiu foi marcada pela recriminação, a humilhação e a frustração, abrindo caminho para novos tempos de barbárie: os fascismos na Itália e na Alemanha, e, em seguida, a Segunda Guerra Mundial.

Por esta razão, para muitos, a Grande Guerra não terminou em 1918: parte de *uma longa guerra do Estado-Nação*¹⁰, teria sido apenas uma pausa, para que os beligerantes, exaustos, pudessem se recuperar, reorganizar as forças, realinhar as alianças estratégicas, para a retomada do conflito de 1939 até 1945. Mesmo então, a vitória de 1945, não teria encerrado a Grande Guerra do século XX, retomada em 1947, agora sob a forma da Guerra Fria, e estendendo-se até 1990, com o Tratado de Paris – reunificação das duas Alemanhas - e o colapso da URSS. Assim, a Primeira Guerra Mundial poderia ser vista como a *Grande Guerra do Século XX*, um longa guerra provocada pela irrupção do Estado-Nação competitivo, imperialista e colonialista, no cenário das relações internacionais, pontilhada de pausas eventuais – uma paz armada e precária – e retomadas cíclicas das hostilidades, como o Japão contra a China, desde 1931 e 1937, ou a Itália contra a Etiópia, em 1936, além da destruição das democracias indefesas, como a Áustria e a Tcheco-eslováquia, frente à Alemanha de Hitler, em 1938. Estaríamos, então, face a uma nova *Guerra dos Trinta Anos do século XX*, em alusão aquela outra Guerra dos Trinta Anos que, no século XVII (1618-1648), que destruiu a Europa e espalhou o pânico e a dor por todo o continente e suas dependências coloniais.

É neste sentido que a Primeira Guerra Mundial seria a mãe de todas as batalhas do nosso século, o ponto de partida para o *longo conflito do século XX*. Até 1914 a Europa, e o mundo, havia conhecido uma relativa paz - armada, tensa e instável, é verdade – decorrente dos arranjos organizados pelo Congresso de Viena em 1815. Produto da genialidade conservadora de Klemens von Metternich (1783-1859), a Europa conhecera uma arquitetura política especial, o chamado “Concerto das Nações”, quando um delicado sistema de poderes e contra-poderes

⁹ Ver ACKERMAN, Peter e DUVALL, Jack. *A Force More Powerful. A century of nonviolent conflict*. Houndmills, Palgrave, 2000.

¹⁰ BOBBITT, Philip. *A Guerra e a Paz na História Moderna*. Rio de Janeiro, Campus, 2003.

equilibrara as relações internacionais. Foi a destruição de tal sistema, em 1914, que transformaria o século XX num imenso campo de batalha pela hegemonia mundial¹¹.

Assim, não podemos minimizar, de forma alguma, o impacto causado pela Primeira Guerra Mundial, mesmo em pontos remotos do planeta, fora dos eixos geoestratégicos centrais do mundo. Mesmo, a paz precária negociada em 1919 surgiu como paradigma para todas as tentativas posteriores: pretendeu-se a criação de um sistema de segurança coletiva baseado nas ideias de Kant sobre a limitação da soberania das nações em favor de um “tribunal das nações”, capaz de regar as relações internacionais e de criar um mundo mais seguro para todos, que viesse a substituir o “Concerto das Nações”, destruído em 1914.

Nesse sentido – a busca de uma nova e duradoura arquitetura mundial -, a postura do presidente Woodrow Wilson (1856-1924) foi fundamental. Pela primeira vez os Estados Unidos rompiam doutrinariamente com os sagrados princípios dos *Pais Fundadores* contrários ao envolvimento do país nos conflitos – *mesquinhas dinásticas e colonialistas*, aos olhos do americano médio – da *velha Europa*. O poderio crescente do Império continental Alemão e a emergência imperial do Japão como potência imperialista e colonialista – causas do colapso do “Concerto das Nações” - desafiara o equilíbrio mundial de poder, e corria-se o risco das potências anglo-saxãs, baseadas no poder naval, na auto-administração, no controle do comércio marítimo mundial, serem sujeitadas por um poder continental baseado em imensos exércitos de terra, em forte centralismo autoritário e na concentração industrial¹². Por isso os Estados Unidos decidiram-se pela guerra. Esta deveria então ser *uma guerra para acabar com todas as guerras*, culminando numa paz administrada a partir de um tribunal universal de povos, a *Sociedade das Nações*. Eram retomados, nos chamados princípios wilsonianos, o otimismo humanista de Kant e de sua esperança em uma *Paz Perpétua*, repetindo em relação ao anseio por paz, o que já vinha acontecendo no tocante à guerra: a projeção das expectativas do século XIX sobre o século XX e a hegemonia colonial ocidental.

É assim que a chamada à guerra feita à todos os povos deveria ser, também, a chamada para a construção das bases da Nova Ordem Mundial a emergir do conflito de 1914. Seguiram-se conferências mundiais de Paz, em Haia, e tratados de banimento perpétuo da guerra, como no Pacto Briand/Kellog, de 1928. Havia, então, um otimismo ingênuo e sem bases na história das grandes potências.

¹¹ Ver **TEIXEIRA DA SILVA**, Francisco Carlos. *Europa ou o Concerto das Nações*. Rio de Janeiro, UFRJ, (tese de titular), 1994.

¹² Ver **HILDEBRAND**, Klaus. *Deutsche Aussenpolitik, 1871-1918*. Munique, Oldenbourg Verlag, 1989.

Menos de dez anos depois o Mundo estaria novamente imerso em uma das etapas bélicas da *Longa guerra do século XX*, já conhecendo as agressões do Japão contra a China, em 1931, e da Itália, contra a Etiópia, em 1935. Mesmo aceitando, em princípio, o caráter geral, linear e causal de todas as grandes guerras do século XX, enquanto produto do rompimento do Concerto das Nações, em 1914, e estendendo-se até 1991 – o que explicaria as considerações de alguns autores, como Eric Hobsbawm, sobre o caráter *breve* do século XX (com a duração circunscrita entre 1914 e 1991, ou seja, a duração da ordem mundial gerada pela longa guerra do século XX).

A variedade de meios técnicos reunidos no século XX, bem como a complexidade de sua política – em especial através da junção da guerra com as revoluções e do colapso dos impérios construídos pela Europa no século XIX – acabarão por gerar um imenso número de conflitos, com características novas e técnicas específicas. Talvez seja esse, ao lado da expansão técnica do potencial das guerras no século XX, o principal traço novo da guerra no século passado: a grande diversidade.

Para uma análise mais detalhada sobre este segundo ponto, a extrema diversificação e ampliação do fenômeno da guerra no século XX, poderíamos, através de um recurso a um mínimo exemplo dos principais eventos do século XX nomear as seguintes formas de guerras e seus traços gerais:

- A *Guerra Clássica* ou Convencional, como foi boa parte – mas não exclusivamente - da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais, além da Guerra Indo-Paquistanesa de 1970/71 ou a Guerra Árabe-Israelense, no Sinai, em 1967, onde o movimento de tropas, a ação da artilharia, os blindados de exércitos profissionais desempenhariam o papel central nos combates;
- A *Guerra Anti-Guerrilhas*, como praticada pelos Estados Unidos no Vietnã, em 1965-1975; pelos ingleses contra a Rebelião Mau-Mau, no Quênia, entre 1952 e 1956 ou, ainda, na Colômbia, depois de 1980, e marcada pelo misto de operações bélicas, operações policiais e de inteligência, algumas vezes acompanhada de movimentos de reforma política e/ou social;
- A *Guerra Anti-insurrecional*, como a luta dos franceses na Argélia, no final dos anos '50 ou dos britânicos na Irlanda do Norte, depois de 1970, marcada, ou contrário da modalidade anterior, pelo pleno domínio das operações policiais, embora utilizando-se de contingentes e meios militares, largamente ancorados nos ensinamentos de manutenção da lei e da ordem;
- A *Guerra Civil*, como foi o caso no Congo, em 1960/1961 ou na Espanha, entre 1936/39, quando uma facção, partido ou grupo político decide-se pelo desafio aberto e militar ao poder estabelecido. Não deve ser confundida com

uma *Guerra de Secessão*, posto que a parte que desencadeia a guerra não quer abandonar a unidade política pré-existente, mas em verdade domina-la;

- A *Guerra Colonial* ou *Guerra Imperialista*, um empreendimento clássico de conquista das potências imperialistas europeias na Ásia e na África, como foi o caso da Guerra dos Boers, de 1899/02; a repressão à Revolta dos Boxers, em 1901, na China. Constitui-se largamente na principal atividade bélica dos estados europeus no século XIX e começo do século XX;
- A *Guerra de Anexação* (ou de *Expansão* ou *Conquista*), como a praticada pela Itália fascista contra a Etiópia, em 1935; ou do Iraque contra o Kuwait, em 1990; pode ser subsumida, em alguns casos, a uma típica Guerra Colonial mas, em outros casos trata-se de uma guerra de recomposição de territórios ou ampliação contígua do mesmo, como a Guerra entre Somália e Etiópia, pela região de Ogaden, em 1977;
- A *Guerra de Desgaste* (ou *Fustigamento*), como a praticada pelos egípcios ao longo do Canal de Suez contra Israel, após 1967 ou os Chineses, no Estreito de Quemoy e Matsu, contra Formosa, depois de 1949; visando levar o adversário ao esgotamento material e psicológico;
- A *Guerra de Guerrilhas*, ou *Guerra Irregular*, a forma clássica de uma guerra assimétrica, como praticada no Vietnã, entre 1965 e 1975, ou no Afeganistão, entre 1979 e 1989; também assume a forma de *Guerras de Libertação Popular*, como no caso de Cuba, no final dos anos '50 ou da Nicarágua, durante mais de quarenta anos. Nestes casos, a Guerra de Libertação Popular se confunde plenamente com uma revolução popular.
- A *Guerra de Independência* ou de *Libertação Nacional*, pode reunir uma série de outras formas de fazer a guerra, notadamente combinando meios assimétricos e assumindo a forma de insurreição e/ou guerrilhas, como foi o caso na Argélia, ou nas colônias portuguesas de Guiné-Bissau, Angola ou Moçambique, contra Portugal. Algumas vezes temos *Guerras de Libertação Nacional* predominantemente nacionalistas, sem o caráter de classe das *Guerras de Libertação Popular*, quase sempre imbuídas de pensamento marxista, como foi o caso da Guerra de Libertação do Timor Leste contra a Indonésia, depois de 1975;
- A *Guerra de Intervenção* se dá quando um, ou mais Estados, procuram intervir num conflito interno de um terceiro Estado visando a manutenção ou alteração do status quo, como foi o caso da Índia, ao intervir na guerra civil paquistanesa de 1970/71, permitindo a independência de Bangladesh; ou com a intervenção do Vietnã, no conflito interno do Camboja, contra o Khmer Vermelho, em 1979. Ao final do século XX, sob pressão de

organizações humanitárias irá evoluir um pretensão *direito de ingerência*, sustentando a possibilidade de um Estado, ou uma coalizão de Estados, intervir em outro Estado em defesa dos direitos humanos, da ecologia ou contra crimes transnacionais, tais como o terrorismo ou narcotráfico. A atuação americana na Bósnia e em Kosovo, em 1999, pautou-se por tal pretensão – embora sem um claro mandato da ONU -, enquanto a invasão do Afeganistão, em 2001, deu-se sob a égide da ONU e em nome da luta contra o terrorismo implantado em um Estado-fora-da-lei ou *Rogue State*.

- A *Guerra de Propaganda* (também chamada de Guerra de Ondas, em virtude de sua transmissão por meios de ondas magnéticas) foi parte fundamental de praticamente todos os conflitos do século, como os meios usados pela Sérvia, contra o Império Austro-Húngaro, em nome do Pan-eslavismo pouco antes de 1914; o uso da BBC, durante a Segunda Guerra Mundial, como eixo de resistência contra o Terceiro Reich; o uso das Rádios Europa Livre e Liberdade, pelos Estados Unidos contra os países do Pacto de Varsóvia, ou da Rádio de Beijing, em apoio aos Movimentos de Libertação Nacional. O foto-jornalismo também desempenhou um papel central na construção da imagem da guerra, como foi o caso dos fotógrafos americanos na Guerra do Pacífico, entre 1942 e 1945. A televisão complementou, e às vezes substituiu, o rádio, como no caso das emissões da República Federal Alemã contra a Alemanha Oriental ou dos noticiários da CNN quando das guerras contra o Iraque, em 1991, colocando sob o foco da crítica o papel de uma imprensa “engajada”, inclusive com a incorporação às fileiras dos combatentes (denominada *embed press*), como no Iraque em 2003; muitas estações de TV, como na Sérvia em 1999, em virtude da Guerra do Kosovo, tornaram-se alvo de ataques dos Estados Unidos e, mesmo jornalistas, como na Bósnia e no Iraque passaram a ser considerados alvos de guerra, enquanto outros colocaram a questão do patriotismo acima da ética profissional;
- A *Guerra de Secessão* onde uma região, povo ou província procuram separar-se de uma unidade política maior, como foi o caso de Biafra, entre 1967 e 1970; da Eritréia, contra a Etiópia, entre 1991 e 2001; ou no Sudão, retomada em 2023;
- As *Guerra Dinásticas*, praticamente em extinção no século XX, em função da desaparecimento das próprias monarquias, mais ainda presente, por exemplo, no Nepal, entre 2001 e 2002;
- A *Guerra Econômica* pode aparecer com um fenômeno em si, como a disputa entre França e Itália, no início do século XX, ou entre o Brasil e a França (a chamada Guerra da Lagosta, no início dos anos ´60 ou a Guerra

- do Bacalhau, no âmbito europeu), ou acompanhar conflitos reais, levanto ao bloqueio e a sabotagem da economia do adversário; ou como a administração Trump desencadeou contra a China em 2018;
- A *Guerra Eletrônica* é uma nova modalidade de guerra, decorrente exatamente do desenvolvimento tecnológico dos estados, em especial da micro-eletrônica, visando “cegar e ensurdecer” o adversário, através do “desligamento” de suas conexões. Em face do avanço tecnológico, grande parte da panóplia militar depende largamente de componentes eletrônicos ultra-sensíveis, assim armas ou meios que atinjam satélites, estações de comando, cabos e redes de comunicação tornaram-se alvos preferenciais. Algumas armas, como as bombas de grafite, foram desenvolvidas pelos Estados Unidos visando exatamente “apagar” as comunicações adversárias; na Guerra do Kosovo, em 1999, e no Iraque, em 2003, os Estados Unidos declararam estações de eletricidade e centros de comunicação como alvos preferenciais. Os efeitos, aparentemente “limpos”, podem ser extremamente danosos para a população civil, no sentido em que priva-se grandes massas de água potável, transportes, comunicações, além de “desligar” hospitais e escolas;
 - A *Guerra Encoberta* ou *Guerra Subversiva* trata-se em verdade de uma etapa inicial da *Guerra de Libertação Nacional* ou da *Guerra de Guerrilhas*, visando a derrubada de um regime, utilizando-se de técnicas dissolventes, desde a propaganda até a sabotagem econômica dos meios do regime adversário. Pode ter, ou não, a participação de uma força estatal externa, como no caso da ajuda do Vietnã do Norte à Frente de Libertação Nacional (Vietcong) no início da guerra, em 1965; pode ter um caráter exclusivamente nacional e popular, como no levante sandinista contra o regime de Somoza, na Nicarágua, a partir de 1984;
 - A *Guerra Fria* denomina-se um fenômeno específico, o conflito controlado entre a URSS e os Estados Unidos entre 1947 e 1991, culminando com a dissolução da URSS. Entretanto, inúmeros especializados vislumbram o mesmo padrão de conflito nas relações entre a China Popular e os Estados Unidos, ao longo dos anos 90 do século XX, surgindo pois a possibilidade de tornar-se uma modalidade de conflito entre países que dispõem de grande potencial de destruição e, por isso mesmo, paralisados em sua estratégia de enfrentamento. A Guerra Fria proporcionaria o surgimento dos textos verdadeiramente novos sobre o pensamento bélico no século XX, obrigando o estrategista a sempre ter em conta a possibilidade de uma Guerra Convencional, localizada e/ou limitada, “escalar” em direção a uma Guerra Nuclear Generalizada;

- A *Guerra Cinza* ou *Gris* diz-se da modalidade bélica dirigida exclusivamente contra as comunicações navais de um adversário, sendo portanto um sucedâneo específico da *Guerra Eletrônica*. Aparentemente durante a Guerra Fria travou-se inúmeros embates do gênero, em especial entre submarinos, da URSS, Estados Unidos, Reino Unido, Noruega, Coreia do Sul e Japão, em especial nos mares árticos e no Extremo Oriente. O filme *Caçada ao Outubro Vermelho*¹³ é uma emanção desta guerra oculta subjacente à Guerra Fria.
- A *Guerra Insurrecional*, ou *Guerra Subversiva*, ocorre em forma de um levante, ou insurreição, contra um poder estabelecido, considerado hostil, opressivo ou injusto, podendo ser exclusivamente subversiva – quando os insurretos são civis, ou explicitamente insurrecional, quando o levante é militar. Talvez os melhores exemplos ocorram em países latino-americanos, como Peru face ao Sendero Luminoso ou ao Movimento Tupac Amaru; as Guerrilhas de Chiapas, no México, em especial sob sua forma subversiva. Enquanto que os movimentos propriamente insurrecionais, com levantes militares, possam ser melhor exemplificados nos casos das jovens republicas africanas, como o Congo, Serra Leoa ou a Costa do Marfim;
- A *Guerra Justa*, ao contrário do seu sentido religioso típico dos séculos XVI e XVII, na Europa, a moderna *Guerra Justa* seria aquela travada por um estado ou coligação de estados visando a cessação de uma agressão, como no caso da Guerra da Coreia, em 1950, ou do Iraque, em 1991;
- A *Guerra Limitada* ou *Guerra Localizada*, ou *Guerras de Baixa Intensidade*, são os conflitos típicos da época da Guerra Fria, quando as grandes potências procuravam circunscrever os conflitos regionais, sua extensão em termos de atores envolvidos, bem como de danos causados, visando evitar o transbordamento das atividades bélicas e sua ascensão aos extremos (no caso uma *Guerra Nuclear Generalizada*), tais como foram as guerras árabe-israelenses; da mesma forma, inúmeras guerras de libertação nacional, como a Guerra Civil Angolana, entre 1975 e 2001, opondo os contendores da Guerra Fria através de partes interpostas, como Cuba (pelo bloco socialista) e a África do Sul (pelo bloco ocidental) foram limitadas, visando o seu transbordamento e transformação em uma guerra generalizada; no seu conjunto, a maioria das guerras localizadas no período da Guerra Fria (1947-1991) foram guerras voluntariamente limitadas, sob monitoramento das então duas grandes potências, visando exatamente evitar o princípio clausewitziano de ascensão aos extremos (a Guerra Nuclear);

¹³ **Caçada Ao Outubro Vermelho** (*The Hunt for Red October*), direção de John MacTierman, USA, 1989.

- A *Guerra Nuclear*, sem dúvida a forma mais completa e apocalíptica da guerra no século XX, e parte fundamental da Guerra Fria, nunca tendo sido travada (no caso de Hiroshima e Nagasaki, apenas uma das partes possuía a arma atômica, não sendo portanto uma guerra no sentido clássico). A *Guerra Nuclear* poderia ser travada de formas diferentes, conforme evoluiu o pensamento estratégico entre 1945 e 2001, e mesmo depois. Poderíamos ter uma *Guerra Nuclear Generalizada*, quando ambas as partes em conflito lançariam mão de uma estratégia de ataques anti-cidades ou uma *Guerra Nuclear Controlada*, ou *Tática* ou *Limitada*, quando seriam utilizados meios táticos do tipo ofensivo anti-tropas, ao lado de armamento convencional, limitando os desgastes decorrentes do uso dos artefatos atômicos; teríamos ainda a *Guerra Nuclear Limitada ao Mar*, onde os alvos, e as armas, seriam o poder naval adversário, poupando as cidades e santuários de cada uma dos contendores; durante os dias iniciais da Crise de Cuba, de 1962, este tipo de guerra nuclear foi visualizado; teríamos ainda, em termos de planos estratégicos, a possibilidade de uma *Guerra Nuclear Sublimizada*, onde os adversários, visando evitar a destruição mútua, operariam meios estratégicos de forma controlada, desde demonstrações em áreas infesas e não-danosas do adversário até um ataque previamente comunicado e limitado. Evidentemente, haveria uma possibilidade permanente de “Escalada” entre ambas as formas de conflito, transformando uma *Guerra Nuclear Controlada* em uma *Guerra Nuclear Generalizada*;
- A *Guerra Preventiva* é uma forma de agir de um estado que considera a evolução possível de uma ameaça exterior como inevitável e capaz, com o tempo, de potencializar sua capacidade de dano. Assim, uma ação prévia teria o mérito de impedir uma capacidade específica que estaria sendo adotada por um adversário, e que numa guerra futura inevitável seja desfavoravelmente utilizada. Nesse sentido, a ameaça é potencial, não imediata, mas considerada possível dentro de uma prazo previsto. Os especialistas dão como um exemplo clássico o ataque de Israel contra a usina nuclear do Iraque, um potencial elemento que poderia produzir um desequilíbrio relativo de forças na região do Oriente Médio. Após a publicação da Doutrina de Segurança Nacional dos Estados Unidos, em setembro de 2002, várias forças armadas – como Israel, Federação Russa e Índia, além, é claro, dos próprios Estados Unidos – passaram a distinguir uma situação próxima da Guerra Preventiva, embora com traços específicos notáveis: trata-se da *Guerra Preemptiva* (ver abaixo). Para a realização de uma *guerra preventiva* é necessário um extremo preparo prévio, com as medidas de sigilo daí decorrentes, além de uma inteligência militar

competente, visando estabelecer o ponto de gravidade do adversário a ser atingido, evitando um contra-ataque fulminante.

- *A Guerra Preemptiva*: faz parte, desde 2002, da Doutrina de Segurança dos Estados Unidos, sendo claramente um elemento agressivo de modalidade de guerra. Trata-se de reconhecer a possibilidade de um ataque iminente, visando reduzir o potencial bélico do inimigo, de quem é retirado o elemento surpresa, baseando-se largamente em sistemas sofisticados de informação e alerta prévio, subordinando-se portanto a um amplo sistema de inteligência. Os maiores planos, mesmo antes de sua formulação teórica em 2002, de guerra preemptiva foram realizados pelo Estado-Maior alemão entre 1905 e 1911, visando tolher a crescente capacidade bélica da França. São, enquanto atos iniciais, um exemplo de *Guerra Preemptiva* o ataque de Hitler contra a URSS em 22 de junho de 1941 e do Japão Imperial contra os Estados Unidos, em 7 de dezembro de 1941, em face do temor de ambas as potências no crescimento do poder de seus adversários; também é um exemplo de *guerra preemptiva* o ataque de Israel contra os países árabes na Guerra dos Seis Dias, em 1967. Mais modernamente, a chamada Doutrina Rumsfeld, dos Estados Unidos, defende o uso da *guerra preemptiva* como um meio hábil para enfrentar o terrorismo internacional.
- *A Guerra Programada*, modelo teórico e conceitual de guerra, que é prevista através da evolução tecnológica dos Jogos de Guerra, com uso extenso de softwares e de meios informatizados, visando prever, em cenários variados, o desenrolar dos conflitos. Talvez a única guerra onde tais meios tenham sido efetivamente utilizados tenha sido a Guerra do Iraque-II, em 2003. Tal guerra foi visualizada enquanto parte fundamental da moderna Revolução em Assuntos Militares e, principalmente, capaz de superar o chamado Princípio de Fricção, ou de Atrito, formulado por Clausewitz (que estabelece um imponderável em todas as guerras, desde variações climáticas até a pressão psicológica sobre as tropas no teatro de operações), no âmbito da Doutrina Rumsfeld. Contudo, os resultados da Guerra do Iraque, em 2003, deixam claro que a fricção em combate é absolutamente não previsível e que cobra, ainda que num mundo cada vez mais sofisticado tecnologicamente, um alto preço.

CONSIDERAÇÕES

De todos estes conflitos que marcaram o século XX – desde as guerras de guerrilhas até a grande guerra mecanizada culminando no ataque nuclear ao Japão imperial - nenhum marcou tanto o século XX quanto aquele que nunca aconteceu:

a Guerra Nuclear. Para muitos homens comuns, na América ou na Rússia, mas também em Berlin, Tóquio, Paris ou Roma, a guerra atômica – considerada a guerra por excelência, por isso dita guerra de armas estratégicas ou de destruição em massa – foi uma realidade muito próxima, expressa no relógio do fim do mundo, este emblema mantido por uma organização físicos, marcando apenas alguns poucos minutos antes da Meia-Noite final. Desde sua aparição a arma atômica – usada e testada nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, sendo um ataque nuclear, mas não uma guerra nuclear entre potências de similar poder – assumiram o papel de a “arma absoluta”, conforme a expressão do estrategista Bernard Brodie (*The Absolute Weapon*, 1946), criando condições novas e insuperáveis. Coube a Brodie (1910-1978) enunciar as condições novas que o novo armamento criava: “...*não existem meios eficazes de se defender contra a bomba e a possibilidade de que venham a existir são extremamente distantes*”¹⁴. A ilusão de construir “domos”, seja de ferro, seja cibernético, de proteção, apenas torna o conflito nuclear mais próximo. Praticamente toda discussão estratégica maior, depois de Hiroshima, flutuou em torno do axioma formulado por Brodie: a insuperabilidade da Guerra Nuclear. Todos os demais estrategistas, políticos e historiadores debateram-se com o tema: como praticar uma guerra que seria certamente a última de todas as guerras? A confiança em armas defensivas performáticas, como os sistemas SS-400 e SS-500 ou “Patriot” e THAAD, geram uma falsa confiança que estimula líderes belecistas a avançar na destruição de adversários sob a sombra, ilusória como vemos hoje no conflito Israel e Palestina, de poder bater sem retaliações. Retornando ao princípio básico de Clausewitz, sobre a continuidade entre a política e a guerra, a Guerra Nuclear constituía-se num paradoxo, já que nenhum objetivo político decorreria dela, posto que a destruição total dos contendores não permitiria que nenhuma parte usufrísse da vitória e de uma paz satisfatória. Assim, constituía-se o chamado “Equilíbrio do Terror”, ou a *Condição MAD* (da sigla em inglês para Mútua Destruição Assegurada). Estrategistas e cientistas nucleares correram, durante a segunda metade do século, em busca de uma resposta aceitável para todos. Buscou-se estratégias que permitissem uma guerra nuclear limitada, sob controle, uma espécie de duelo que poderia ser esgrimido com uma letal elegância... contudo, ainda uma vez o *Princípio da Fricção* de Clausewitz - a Lei de Murphy, dos estrategistas – impunha-se: qualquer passo em falso representaria a tão temida “Escalada” – *a ascensão aos extremos*, como diria Clausewitz “toda guerra tende aos seus extremos”, lançando o planeta na guerra atômica generalizada. Da mesma forma, os cientistas procuraram *nanonizar*, miniaturizar, os artefatos nucleares visando torná-los mais hábeis, palatáveis,

¹⁴ **BRODIE**, Bernard. *The Absolute Weapon*. Nova York, University Press, 1946, p. 48.

superando a *paralisia nuclear* que alcançara ambos os adversários durante a Guerra Fria. Assim, surgiram morteiros e obuses nucleares, além de mini-bombas atômicas, num cenário delirante, próximo da ficção política presente no filme *Dr. Fantástico* (*Dr. Strangelove*, de Stanley Kubric)¹⁵. Por fim, em sua última fase, os Estados Unidos propuseram formas de fissão nuclear controlada, como na Bomba de Nêutrons, capaz de eliminar a maior parte do desgaste físico de infra-estruturas – embora não o desgaste em vidas humanas - como uma forma de tornar a Guerra Nuclear possível e tolerável. Este era, sem dúvida, o desafio: vencer o paradoxo de ser tão poderoso que não mais possuía a liberdade de fazer a guerra, como descobriu o General MacArthur, durante a Guerra da Coréia.

Coube aos Estados Unidos o maior avanço em direção aos meios técnicos e ao pensamento estratégico de forma a viabilizar a Guerra Nuclear. Além das pesquisas científicas, com a produção de uma tecnologia de ponta que cimentaria a aliança anunciada no século XIX entre guerra e grande indústria, os americanos produziram um pensamento estratégico que viabilizaria a Guerra Nuclear. Primeiro Albert Wohlstetter (1912-1997) e depois Herman Khan (1922-1983) incumbiram-se de “pensar o impensável”: como fazer a Guerra Atômica e sobreviver a ela? Este era um passo político terrivelmente perigoso. Apenas o *Axioma de Brodie*, acima formulado, era uma garantia de que as negociações, por de trás de todas as ameaças, seriam a melhor saída frente aos impasses políticos da Guerra Fria. A perigosa, e altamente duvidosa, crença que seria possível sobreviver enquanto Estado civilizado a uma guerra atômica banalizava o risco, até então, considerado insuperável da mútua destruição assegurada.

As condições específicas dos Estados Unidos – enquanto uma rica e poderosa democracia industrial – impuseram as suas características de fazer a guerra, inclusive a Guerra Nuclear. A necessidade de garantir o consenso interno e, ao mesmo tempo, manter um mínimo de transparência constituir-se-á sempre no que Clausewitz denominou *ponto de gravidade*: aí reside toda a fragilidade do poderio americano, como ficou claro na aceitação do impasse na Coréia, em 1953, e da derrota no Vietnã, em 1974, no Iraque, em 2019 e do Afeganistão em 2021. Uma grande democracia avaliaria sempre a dimensão do dano que poderia sofrer para alcançar determinados objetivos, estabelecendo o patamar do realizável e do tolerável em termos militares. Assim, frente a dois inimigos poderosos, a URSS, depois a Federação Russa, e a China Popular, capazes de infringir um dano imenso em termos de enfrentamento convencional na Europa, Oriente Médio ou Extremo

¹⁵ **Dr. Fantástico** (*Dr. Strangelove or how I learned to stop worrying and love the bomb*), direção de Stanley Kubrick, Inglaterra, 1963. Para uma discussão sobre cinema e a ameaça nuclear ver **TEIXEIRA DA SILVA**, Francisco Carlos. *Stanley Kubrick: o cinema do tempo presente*. In: **Idem**. *História e Imagem*. Rio de Janeiro, Laboratório de Estudos do Tempo Presente/UFRJ, 2000, pp. 41-51.

Oriente, estrategistas e políticos americanos entenderam que não seria aceitável uma hecatombe para manter tais regiões sob controle americano. Caberia então, face à impossibilidade absoluta da Guerra Nuclear, refluir sobre os oceanos, refugiar-se em sua insularidade inatacável e abandonar às potências continentais o *coração do mundo*. Ora, a alternativa buscada foi travar uma Guerra Nuclear Limitada, tanto sobre um território previamente delimitado – a *escalada geográfica controlada*, santuarizando tacitamente as metrópoles, quanto aos meios tecnológicos de ataque disponíveis. A dissuasão implícita no *Axioma de Brodie* – a inexistência de meios de superar as conseqüências da Guerra Atômica – implicava na plena consciência de todas as potências dotadas de força nuclear que havia uma decisão de bater, de bater primeiro e de bater massivamente pelos Estados Unidos. O frio horror do último quartel do século XX residia na superação da dissuasão como pensamento dominante dos estrategistas em Washington. Uma Guerra Nuclear Limitada foi seriamente visualizada, programada e transformada, em si mesma, numa outra forma de dissuasão: agora não mais como uma dissuasão contra a Guerra Nuclear e, sim contra uma Guerra Convencional encetada por soviéticos e/ou chineses¹⁶, e frente a qual os americanos não possuíam meios convencionais de dissuasão.

Por fim, coube ao homem considerado por décadas a própria encarnação do mítico Dr. Mabuse, o gênio do mal imaginado por Fritz Lang, a formulação mais completa da viabilidade da Guerra Atômica: *“...uma guerra termonuclear será provavelmente para a [potência] atacada uma catástrofe sem precedentes. Conforme o curso dos acontecimentos militares isto poderia ser, ou não, uma catástrofe sem precedentes para o agressor e, em todo caso, para alguns neutros. Mas, uma “catástrofe sem precedentes” está longe de ser uma “catástrofe ilimitada”. Mais importante ainda: estudos sérios mostram que os limites da amplitude da catástrofe dependem estreitamente das disposições que serão tomadas e da forma de condução da guerra”*.¹⁷

Assim, na chamada Segunda Guerra Fria, depois de 1979, as novas estratégias nucleares aproximaram a humanidade da destruição total, baseando-se meramente em um exercício intelectual altamente duvidoso¹⁸. Do lado russo nunca houve dúvida que as opções colocadas eram apenas duas: a Guerra

¹⁶ **WOHLSTETTER**, Albert. *The Delicate Balance of Terror*. In: *Foreign Affairs*, v. 97/1, 1959.

¹⁷ **KHAN**, Herman. *On Thermonuclear War*, Princeton, University Press, 1960, p.123.

¹⁸ O horror nuclear foi várias vezes motivo da ficção política cinematográfica, ensejando uma vasta produção fílmica, da qual podemos destacar: **O Dia em Que a Terra Parou** (*The Day the Earth Stood Still*), direção de Robert Wise, USA, 1951; **A Hora Final** (*On the Beach*), direção de Stanley Kramer, USA, 1959; **Limite de Segurança** (*Fail Safe*), direção Sidney Lumet, USA, 1964; **O Dia Seguinte** (*The Day After*) direção de Nicholas Meyer, USA, 1983 e **Herança Nuclear** (*The Testament*), direção Lynne Littman, USA, 1983.

Convencional (onde possuíam uma larga superioridade nas operações terrestres e grandes deficiências no tocante ao domínio aéreo e naval) ou a Guerra Nuclear Total. Da mesma forma que os Estados Unidos, a natureza e a história da URSS, e, claro, da Rússia, impunham as suas características de pensar e fazer a guerra. Um país vasto, aberto, de amplas planícies e de espaços vazios, garantia sua defesa num hiperbólico potencial terrestre, na multiplicação de divisões blindadas e de infantaria mecanizada, chegando a possuir, em 1975, 42 mil carros de assalto, 27 mil peças de artilharia e 4.8 milhões de homens em armas.¹⁹

A outra forma possível de pensar a guerra era, para um país destruído pela guerra imposta por potências contíguas duas vezes no espaço de uma só geração, a Guerra Nuclear Total. Para os marechais Vassili Sokolovski (1897-1968) e Nicolai Ogarkov (1917-1994) a Guerra Nuclear seria sempre uma guerra total, e a estratégia soviética – sob a ameaça de ver sua superioridade em guerra terrestre ser vitrificada por forças atômicas táticas num teatro de operações europeu – insistia que o uso, mesmo que inicialmente limitado do poder atômico, acarretaria a escalada clausewitziana. Para o Estado-Maior soviético, ao tempo de Sokolovski (1962) a noção de guerra total era a pedra sobre a qual se erguia todo o edifício estratégico soviético. Ou seja, havia uma clara frechada a um “ping-pong” atômico sobre território europeu e asiático. Qualquer ataque, mesmo limitado, contra a Rússia seria respondido por um ataque nuclear massivo. Os russos asseguravam, então, que não seriam os primeiros a desencadear um ataque nuclear. Contudo, mesmo um ataque nuclear tático, sobre suas tropas desdobradas, resultaria numa retaliação massiva contra as cidades americanas, inglesas e francesas. Tal contenção nuclear dos russos será abandonada durante a atual guerra na Ucrânia. Em face da amplíssima aliança ocidental, fornecedora de recursos financeiros, armas, inteligência e de assessores militares a Kiev, os russos reformularam sua doutrina nuclear. Sob pressão de falcões, como Dimitri Medvedev (*1965) e de Sergey Karaganov (*1952), Moscou assumiu uma nova postura: caso haja um ataque, mesmo convencional, de uma potência da NATO, apoiada por seus parceiros, contra território original russo – incluindo a Criméia – e que haja uma ameaça contra a existência do Estado russo, teria o direito de usar armas nucleares contra os atacantes e seus apoiadores. A nova doutrina, imposta à Putin, representa um passo direto a um confronto de grandes dimensões.

Assim, numa concepção marcada, então, por classicismo estratégico, os soviéticos asseguravam que o objetivo da guerra (desarmar o adversário para obrigá-lo a aceitar a nossa vontade, conforme Clausewitz) impunha em face à guerra moderna (a junção entre meios militares e poder técnico-econômico) a indistinção entre

¹⁹ MARRIOTT, John. *L'équilibre de la terreur*. In: BONDS, Ray. Op. cit., p. 236.

forças militares e estruturas internas do país adversário, do que decorria que a resposta da estratégia militar soviética era que ambos os objetivos (forças inimigas e estruturas internas) deveriam ser atingidas simultaneamente²⁰. Neste sentido, os soviéticos não hesitaram em desenvolver meios estratégicos de uma dimensão capaz de assombrar seus adversários e demonstrar sua prontidão para o uso: chegaram a possuir, em 1975, 1 618 mísseis balísticos intercontinentais (contra 1 054 dos Estados Unidos) e 12 000 mísseis estratégicos sol/ar da classe SAM – hoje os sistemas SS-400 e SS-500), sem contar os mísseis em submarinos e o sistema de defesa ABM.²¹ Mesmo com todo este potencial os soviéticos não descuidaram em produzir meios mecanizados, de rápida mobilização e penetração em profundidade, visando uma projeção de forças num cenário convencional contíguo acompanhada do uso de armas estratégicas num cenário mais distante. Assim, dois cenários básicos se definiam para o Estado-Maior soviético: 1. Na Europa: a possibilidade de uso de armas atômicas contra os Estados Unidos (frota e bases, depois contra o próprio coração americano), enquanto projeta sua força convencional em profundidade contra a Alemanha Ocidental e França; Itália e Áustria e Turquia (Grupo de Exércitos do Centro e do Sul); 2. ataque atômico contra a China Popular acompanhado de uma penetração em profundidade na Mandchúria e no Xinjiang. Por sua vez o Marechal Ogarkov advertia claramente para a impossibilidade de limitar a Guerra Nuclear e da inexistência de santuários: *“...o emprego dos meios modernos de destruição pode facilmente levar a que, desde o início do conflito, as operações militares ampliem-se para todos os continentes do globo. Em tal turbilhão da guerra deslanchada pelo Imperialismo numerosas centenas de milhões de homens serão implicados inelutavelmente”*²². O fim da Guerra Fria, em 1991, e o novo arranjo geopolítico mundial, alteraram profundamente tais planos. A China Popular deixou de ser uma ameaça para compor, através do Conselho (de Segurança) de Shangai, um sistema de potências “amigas” – com Índia, Paquistão – e “liberou” o flanco asiático de Moscou, permitindo uma maior concentração na recomposição geopolítica da frente europeia, com re-incorporação da Tchecôquia, “pacificação” do Daguestão, anulação das tentativas de liderança da Geórgia no Cáucaso e, por fim, com a resolução do impasse com a Ucrânia. Neste país, ao contrário do método russo de pacificação posto em prática na Tchetchnia ou com a Geórgia, Moscou viu-se de frente com uma guerra “limitada” – posto que o território é habitado por populações

²⁰ **SOKOLOVSKY**, V. *Stratégie Militaire Soviétique*. Paris, Ed. De L’Herne, 1983.

²¹ **MARRIOTT**, John. *L’équilibre de la terreur*. In: **BONDS**, Ray. Op. cit., p. 237.

²² **OGARKOV**, Nicolai. *Toujours prêt à défendre la patrie*. In: *Stratégie*, Paris, Fondation pour les Études de Défense Nationale, 1982.

eticamente russas -, onde seu poder superior de fogo não pode ser utilizado de forma “ótima”, criando um impasse desgastante para Moscou.

O fim da Guerra Fria, com o Tratado de Paris de 1990 – plena recuperação da soberania nacional alemã, encerrando *de jure* a Segunda Guerra Mundial – e o fim da URSS, em 1991 – mesmo ano da Primeira Guerra do Iraque -, afastaram o risco imediato da aniquilação nuclear. Ao menos até o deslanchar da Guerra da Ucrânia, em 2022. Terminaria, assim, a *Longa Guerra do Estado-Nação no século XX*, o mais longo conflito da história, como quer Philip Bobbit. Ou, ainda, conforme Nicholas Spykman, terminaria a longa guerra entre o poder naval e o poder continental, entre as *fémbrias da terra* e as *potências do coração do mundo*. Assim, por um lapso de tempo, entre 1991 e 2022, os ponteiros do relógio do fim dos tempos afastaram-se da Meia-Noite atômica. De qualquer forma, com a guerra terminava também o século XX, breve e violento, como o descreveu Eric Hobsbawm.²³

Antes mesmo de raiar o novo século e o novo milênio, contudo, um novo conflito de proporções mundiais fazia sua aparição em cena. Previsões de estrategistas como Zbigniew Brzezinsky afirmam – na contramão do otimismo pós-Guerra do Golfo - desde 1997, a permanência essencial dos termos do mesmo conflito que atormentara o século XX: no alvorecer do século XXI, quando a principal potência naval, os Estados Unidos, avançam sobre os espaços vazios da Europa Oriental e da Ásia Central, ocupando os espaços deixados vazios pelo recuo do Império Soviético criavam-se as condições para um novo ciclo de enfrentamento entre as potências que domimam as fémbrias – agora organizada no que Brzezinsky denomina de *Arco das Crises* – e os novos poderes que surgem na Ásia, tais como a nova Rússia, a China Popular e a Índia. A questão da reunificação “final” da nova China, leia-se a identidade final de Taiwan – renovou o clima belicista mundial e trouxe para o Mar da China Meridional um novo teatro de tensões e de risco iminente da Segurança Internacional. Muitos, como Samuel Huntington, bem ao contrário, identicaram raízes culturais nos novos conflitos, desenhando um outro tipo de tensões, opondo culturas ou civilizações mundiais, criando uma das mais profundas divisões que o mundo poderia conhecer: o choque de civilizações, uma teoria culturalista não de todo desprovida de ranços colonialistas.

De qualquer forma, a esperança de que a nova ordem mundial – baseada em instituições como a ONU, Banco Mundial, FMI, OCM, acordos temáticos sobre armas de destruição em massa - poderia trazer uma gestão multilateral do mundo, com a pacificação dos conflitos e a gestão organizada dos grandes fluxos comerciais e financeiros deixou de ser uma expectativa realista a partir da vitória

²³ **HOBBSAWM**, Eric. *A Era dos Extremos. O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

dos neoconservadores de George Bush, em 2001, e com os atentados de 11 de setembro de 2001²⁴.

As crises políticas cada vez mais frequentes depois de 2001, com seus picos em 2019 e 2022, condicionaram mudanças significativas nos estudos de polemologia, da guerra e das condições políticas para a paz. Mais uma vez o papel das armas nucleares e o uso de armas convencionais de alto poder destrutivo, como na Palestina/Gaza, Líbano e Ucrânia aceleram mudanças no “warfare”. Formas extremas, com base eletrônica-cibernéticas, com o uso massivo de drones – de variadas combinações de recursos -, o retorno do fogo de artilharia de saturação e a junção blindades + drones, como na Ucrânia, e a transformação de utensílios e ferramentas de uso civil, como “pagers”, telefones e recursos de GPS em armas letais – como utilizados por Israel na Palestina, Gaza e no Líbano – elevaram a guerra a um alto patamar de sofisticação técnica. O retorno do terrorismo de massa, de um lado, e o uso de super armas convencionais, por outro – como a bomba termobárica e a “superbomba” FAB-3000, armas planadoras inteligentes -, como usadas pela Rússia, acabam por encurtar a possibilidade do uso de armas nucleares ditas “táticas”, libertando o gênio nuclear de seu contenedor dissuasivo.

Hoje, três cenários de crise se avolumam no horizonte: de um lado, a possibilidade de “Escalada” nos teatros de operação na Ucrânia e na Palestina, generalizando uma guerra que se queria, como em 1914, limitada. Um terceiro cenário, claramente estratégico, conforma-se no enfrentamento, cada vez mais intenso, entre os Estados Unidos e a China Popular em torno de Taiwan e do domínio do estratégico Mar da China Meridional.

Estes três cenários – para além da possibilidade da atuação de organismos internacionais como a ONU – constituem, como foi o caso entre 1893 e 1914, possibilidades preparatórias para um conflito muito maior, letal e decisivo para o século XXI.

REFERÊNCIAS

ACKERMAN, Peter e **DUVALL**, Jack. *A Force More Powerful. A century of nonviolent conflict*. Houndmills, Palgrave, 2000.

²⁴ Para a discussão do caráter do novo conflito mundial ver: **HEISBOURG**, François. *Hyperterrorisme: la nouvelle guerre*. Paris, Odile Jacob, 2003; **HUNTINGTON**, Samuel. *O choque de civilizações*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1996; **DEL VALLE**, Alexander. *As Guerras Contra a Europa*. Rio de Janeiro, Bom texto, 2003; **ZORGBIBE**, Ch. *L’Avenir de la Sécurité Internationale*. Paris, Presse de Sciences Pó, 2003.

Blagden, David; Levy, Jack e Thompson, William. Sea Powers, Continental Powers, and Balancing Theory. In: *International Security*, Volume 36/2, pp. 190-202, The MIT Press, 2011.

BRODIE, Bernard. *The Absolute Weapon*. Nova York, University Press, 1946, p. 48.

BOBBITT, Philip. *A Guerra e a Paz na História Moderna*. Rio de Janeiro, Campus, 2003.

BOND, Brian. *Une Révolution dans l'armement*, pp. 10-18; **WEEKS**, John. *De nouveaux progrès techniques*, pp. 76-86 e **BIDWELL**, Shelford. *Le bilan technique de la guerre*, p. 132-136, todos In: **BONDS**, Roy (Org.). *Histoire de la guerre terrestre*. Bruxelas, Henri Proost Ed., 1983.

Caçada Ao Outubro Vermelho (*The Hunt for Red October*), direção de John MacTierman, USA, 1989.

Dr. Fantástico (*Dr. Stangelove or how I learned to stop worrying and love the bomb*), direção de Stanley Kubrick, Inglaterra, 1963. Para uma discussão sobre cinema e a ameaça nuclear ver **TEIXEIRA DA SILVA**, Francisco Carlos. *Stanley Kubrick: o cinema do tempo presente*. In: **Idem**. *História e Imagem*. Rio de Janeiro, Laboratório de Estudos do Tempo Presente/UFRJ, 2000, pp. 41-51.

HILDEBRAND, Klaus. *Deutsche Aussenpolitik, 1871-1918*. Munique, Oldenbourg Verlag, 1989.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos. O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

KHAN, Herman. *On Thermonuclear War*, Princeton, University Press, 1960, p.123.

MARRIOTT, John. *L'équilibre de la terreur*. In: **BONDS**, Ray. Op. cit., p. 236.

MARRIOTT, John. *L'équilibre de la terreur*. In: **BONDS**, Ray. Op. cit., p. 237.

MURRAY, W. e **MILLET**, A. *Military Innovation in the Interwar Period*. Cambridge, University Press, 1996.

OGARKOV, Nicolai. *Toujours prêt à défendre la patrie*. In: *Stratégique*, Paris, Fondation pour les Études de Défense Nationale, 1982.

SPYKMAN, Nicholas. *Estados Unidos frente el mundo*. Mexico, Fondo de Cultura, 1944.

SOKOLOVSKY, V. *Stratégie Militaire Soviétique*. Paris, Ed. De L'Herne, 1983.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. *Europa ou o Concerto das Nações*. Rio de Janeiro, UFRJ, (tese de titular), 1994.

TOWNSHEND, Charles. *Modern War*. Oxford, University Press, 1997.

WOHLSTETTER, Albert. *The Delicate Balance of Terror*. In: *Foreign Affairs*, v. 97/1, 1959.

Xiangsui Wang e Qiao Liang. La Guerre hors limites. Payot & Rivages, (1999) 2006.

No ano 2001 os dez maiores produtores de armas do mundo eram: Lockheed Martin, Boeing, Raytheon, BAE, General Dynamics, Northrop, EADS, Thales, United Techno e TRW.

O horror nuclear foi várias vezes motivo da ficção política cinematográfica, ensejando uma vasta produção fílmica, da qual podemos destacar: **O Dia em Que a Terra Parou** (*The Day the Earth Stood Still*), direção de Robert Wise, USA, 1951; **A Hora Final** (*On the Beach*), direção de Stanley Kramer, USA, 1959; **Limite de Segurança** (*Fail Safe*), direção Sidney Lumet, USA, 1964; **O Dia Seguinte** (*The Day After*) direção de Nicholas Meyer, USA, 1983 e **Herança Nuclear** (*The Testament*), direção Lynne Littman, USA, 1983.